

RESENHA

João Paulo Thomaz de Aquino* e Wirlei Vieira de Souza**

WURLITZER, L. L. **Olam**: crônicas de luz e sombras. São Paulo: Agathos, 2011.

Os sete livros da saga de Harry Potter, escritos por J. K. Rowling, venderam em torno de um bilhão de cópias, tendo sido traduzidos para 67 idiomas diferentes. A história foi transformada em filmes e jogos de semelhante sucesso. Esses fatos, somados ao grande sucesso de escritores como C. S. Lewis e R. R. Tolkien mostram que o gênero ficção fantástica, ou simplesmente fantasia, tem um grande poder de captar leitores e fãs.

Com semelhante envergadura, Leandro Lima “Wurlitzer”, paranaense residente em São Paulo e doutorando em literatura, escreve *Olam*, o primeiro volume das *Crônicas de Luz e Sombras*, previstas para serem contadas em quatro volumes. Este é o primeiro livro de fantasia do autor, que escreveu também *Razão da Esperança* e *O Futuro do Calvinismo*, entre outros livros.

Olam é uma fantasia baseada na mitologia hebraica e também na Bíblia Hebraica (Antigo Testamento). Vários vocábulos da língua hebraica são utilizados, ora aportuguesados, ora transliterados, tornando necessária a inclusão de um interessante glossário dos principais termos hebraicos ao final do livro. Entre Deus (El) e demônios, participam da história uma infinidade de seres espetaculares como Irins (anjos santos), Kedoshins (anjos), Maschit (anjo des-

* Mestre em Antigo Testamento pelo Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper (2007) e mestre em Novo Testamento pelo Calvin Theological Seminary (2009). É professor de Novo Testamento no CPAJ e no Seminário Teológico Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição. É ministro da Igreja Presbiteriana do Brasil, atuando na plantação da Igreja Presbiteriana Estação Luz, em São Paulo.

** Pós-graduado em Fundamentos Cristãos da Educação pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e graduado em Pedagogia pela mesma instituição. Atualmente está cursando Biblioteconomia no Centro Universitário Assunção – UNIFAI. É presbítero da Igreja Presbiteriana do Brasil, atuando na plantação da Igreja Presbiteriana Estação Luz, em São Paulo.

truidor), Behemot (animal espetacular), Leviathan (dragão), Oboths (espíritos invisíveis), Nephilins (seres caídos), Raave (dragão marinho), Saraph (serpente voadora), Tannîn (dragão), Refains (espécie de zumbis), Sa'irim (demônios) e Anaquins (gigantes).

Olam é o nome de terra onde acontece a história. A primeira página do livro apresenta um mapa colorido de Olam, o qual vale a pena conferir de vez em quando ao se ler a história. O ambiente da história não é futurístico, não lembra a Idade Média, nem é primitivo. Em compasso com sua proposta, o ambiente de Olam é mais uma mistura do tempo relatado no livro de Gênesis com uma estrutura cívico-religiosa mais avançada do que aquela. Muitos outros vocábulos hebraicos nascem tanto da geografia do lugar quanto dessa referida estrutura cívico-religiosa. Reis, sacerdotes, lapidadores de pedras shoham – tanto autorizados quanto ilegais – guerreiros, soldados, barqueiros, ladrões e pessoas comuns participam da história.

As pedras shoham são figura central da história e ponto em que a criatividade de Wurlitzer mais impressiona. Tais pedras são fundamentais à economia, segurança e conforto de Olam. Podem ser usadas para brincadeiras infantis, jogos, curas, armazenamento de informações, criação de redes de comunicação, potencialização de armas e, em alguns casos, para a previsão do futuro. As pedras se conectam diretamente à mente daquele que coloca as mãos sobre elas, transmitindo informações de forma rápida e experimental.

Logo no primeiro capítulo, ao contrário de livros do mesmo gênero, nos quais a narração torna-se monótona e somente após os primeiros capítulos vai crescendo, vemos cenas inusitadas. O guerreiro Kenan já enfrenta um dos demônios mais temíveis da história em uma batalha que dita todo o ritmo da narrativa.

Olam viveu em paz durante 2.000 anos. Esses dias, entretanto, estão perto do fim, pois *shedins* (demônios) das terras sombrias querem acabar com o acordo de paz e destruir todas as cidades de Olam, subjugando-as ao poder do mal. Essas terras são governadas por Thaman, um rei que tenta com todas as forças e de todas as formas manter essa paz, mesmo ao custo da quebra de regras legalistas e das consequências que isso pode trazer. Ele conta com a amizade e lealdade de Kenan, o guerreiro chefe da ordem dos *giborins*.

Esse guerreiro e mais quatro jovens, Ben, Leanah, Adin e Tzizah são os personagens principais da história. A meta desse grupo é reenergizar uma pedra shoham chamada Olho de Olam, que protege Olamir, a principal cidade de Olam e mantém toda a horda do mal à distância. Essa pedra fora lapidada e entregue como presente aos humanos pelos *kedoshins* (anjos), mas seu poder está enfraquecendo a cada dia e somente com a disposição, esforço e uma batalha interior desses bravos companheiros é que Olam será salva evitando essa guerra anunciada. A história é narrada pelo personagem Enosh, um velho latash (lapidador ilegal de pedras shoham) e mestre de Ben.

Como Olam pertence ao gênero fantasia, existem referências a temas comuns a outros livros do gênero, especialmente os mais conhecidos. As semelhanças, entretanto, são pequenas e de forma alguma sequer arranham a originalidade, criatividade e profunda pesquisa feita por Wurlitzer.

Não é totalmente possível falar sobre a cosmovisão de uma obra inacabada (faltam três volumes). Ainda assim, alguns temas do livro saltam aos olhos e merecem consideração. Como seria de se esperar, a luz e as sombras (trevas) fazem referência ao bem e ao mal. Essa visão de mundo binária, entretanto, não torna o livro pueril. Vários tons de cinza são apresentados no transcorrer da trama. As trevas estão presentes no reino da escuridão, nas cidades iluminadas e especialmente dentro de cada personagem, tanto heróis quanto vilões.

Outra tônica do livro é a importância do conhecimento. Vivendo na era da informação, com *smartphones* e *tablets*, é muito interessante ver a nós mesmos em busca do conhecimento obtido no livro por meio das pedras shoham. O conhecimento exaltado no livro não é somente técnico, mas também a intuição, o conhecimento experimental e o conhecimento espiritual.

A mágica, a natureza da realidade, a retribuição do bem e do mal feitos aos outros e vencer as próprias limitações também são alguns dos assuntos abordados no livro. Eis alguns trechos bastante interessantes:

Só lhes era permitido vagar pelos antros malcheirosos da cidade das sombras, alimentando-se insaciavelmente do mal que emanava da fortaleza. Ironicamente, eram punidas pelo que mais desejavam. De fato, ninguém podia dizer que a terra de Hoshek fosse um lugar completamente isento de qualquer resquício de justiça (p. 20).

O mundo é um lugar mágico, ouviu-o dizer sua frase favorita. O destino é uma pedra bruta a ser lapidada. Aplique a técnica correta e ele revelará potencialidades incríveis. Estimule o destino! Ouse! Quem sabe o que o universo responderá? (p. 94).

Não. Você disse que tudo pode ser um grande sonho. Talvez nada a nossa volta seja realidade, pelo menos não como concebemos a palavra realidade. Não é impossível que tudo seja mesmo um grande sonho. Um sonho de *El...* (p. 113).

Meu pai acha que há um equilíbrio misterioso – continuou Tzizah sem alterar a voz. O esmagar das pedras pelas patas dos cavalos preenchia os espaços entre as palavras. Ele acredita que, de um modo nem sempre fácil de compreender, cada pessoa colhe exatamente o que planta, mesmo que as leis da vida sejam um pouco diferentes das leis da produção da terra (p. 267).

Não existe perfeição – ponderou Gever. – Mas qualquer pessoa que aprender a lidar com seus fracassos pode se destacar, se souber minimizar os erros e superar as falhas. Controle sua mente e controlará seu corpo. Não deseje ser um herói para os outros, é peso demais para carregar. Não existem heróis, só homens

falhos e imperfeitos que podem superar suas imperfeições e vencer seus maiores medos. Vença a si mesmo e será mais fácil vencer os outros inimigos. Controle sua mente e seu mundo não estará mais fora de controle (p. 375).

Olam é um daqueles livros difíceis de deixar enquanto não se termina a leitura e quando chega o fim fica a vontade de não ter terminado e o anseio pelos próximos volumes. A história é muito boa, a trama muito bem feita e a escrita primorosa. Cada capítulo começa com uma poesia e diversas poesias e algumas canções aparecem de quando em quando.

Fantástico, criativo e esplêndido não são epítetos exagerados para esse “*tour de force*” brasileiro digno de exportação. Certamente é literatura indicada para adultos, jovens e adolescentes e merece tornar-se livro obrigatório em colégios espalhados pelo país.